

EU ULTRAPASSADO

Livro 73

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



SE PUDER, CONTO VERDADES

Acaso, não é suficientemente vasta a solidão para convencer da necessidade de companhia? Preciso encontrar alguma verdade. Quando encontrá-la, inundarei as mentiras, gritarei contra os silêncios. Enquanto isso não acontecer, nada mais direi.



O QUE ME INVADE

Ando entre o triste e o curioso, é que um amor me invadiu quando eu menos esperava, lentamente me faz voar em várias direções, tendo medo de nunca me encontrar nessa terra conhecida que, de tanto tentar fazê-la minha, tornou-se uma aventura perdida.

ESTIVE

Estive em mau estado, ouvi os rumores, contabilizei os passos esperando que fossem de algum mensageiro atravessando o pior para trazer-me novidades. Não sei bem o que esperar, uma involuntária impaciência me tira a paz, roubando-me a quietude. Em silêncio, por momentos posso ouvir todos os gemidos. Tudo se move em torno do momento em que pressinto o adeus.



INVENÇÕES

Olho atrevido quando invento agrados, expresso-me sempre que surge a inspiração, sei fazer quando tenho vontade. Ouço com apetite, rascunho peles, apago rancores, mágoas, cicatrizes. Divido; quando necessário, faço de tudo, odeio com ânimo sou de me vingar, blasfemo, ofendo, minto. Finjo-me de voluntário, corro como água da fonte, sou camaleão escondido detrás das cores. Sou ar, fogo, guardo as cartas marcadas, invento histórias, seco lágrimas, dou colo, prometo tudo.

INVENÇÃO DOIS

Quando meu braço busca escrever poesias, da minha mão vazia caem intenções que me perdoam a falta de inspiração e mudam a direção das minhas intenções como se soubessem meu destino. Trato de imaginar minhas reações, porém sempre obedeco às vozes interiores que me convidam a fechar-me em palavras e explorar em emoções. O bem que te ofereço minhas mãos, busca dar-te uma resposta que condensam o alô e adeus.



INVENTO FÓRMULAS

Invento fórmulas para ficar só como um devoto, faço-me passar por alguém que sabe exatamente o que deseja. Quando se trata de viver, mudo de tema. Deixo o amor sob custódia até que a razão o expulse e o faça desaparecer. Mostro o excesso. Oferto uma espontaneidade programada, tiro o sabor e o gosto de cada ato que, cooptado por rituais se automatiza. Depois disso tudo, minha alma se esvazia, busca uma sombra para ficar só.

TENTATIVA

Agonia, quero que te acalmes e faças desse meu sentir um momento em que uma nova luz declare uma esperança. Espero que não me convides, renuncio, não quero tua companhia. Deixa-me aproximar-me da vida com menos rancor. Saiba que dói o vazio, que nada sabe de rumos, mistura os destinos, grita com o silêncio, sacode a paz. Chora quando era para rir, perde o rumo com o Norte na mão, No entanto, tento fazer chegar até a próxima primavera aquilo que inventei para colorir a melancolia. Não sei se me alcançará o futuro, o tempo mal comportado nem sempre segue dando as cartas. Espero que o jogo chegue até o final.



INCAUTA CRIANÇA

De que vale queixar-me, se a aprazível fantasia que tanto contribuiu para construir minha alegria foi apenas mais uma irreverência, um quase disfarçado sofrimento ocupando um lugar que foi meu quando eu ainda era uma incauta criança.

INCÔMODO

Volto voando alto, pelas margens, movendo-me em direção a algum delírio onde caiba o tanto que adiei. Desequilíbrio destaques, dando um lugar especial para o palhaço que sempre quis ser e nunca pude. Planejo, um dia desses, livrar-me de todas as ponderações.



A DOR E O ENAMORAMENTO

Mantenho meu sofrimento tolerável, tornando-o vizinho. Essa dor que acompanha a vida de perto, estende os braços para que eu saiba onde me aninhar. Está segura, presente. Convida-me a tê-la em conta, convence-me até lhe dar as boas-vindas. Ao fim, quando ela se apresenta, vicia. Na casa habitada, guardam-lhe lugar à mesa. Ela deita comigo, passeia pelos pátios, corredores, se mete na garganta na coluna nas pernas no nervo cansado de inervar, se impõe no prato escasso, na fome tanta, no orgasmo negado.

DOMO

Domo meu sofrimento, retenho-o tolerável, limito a dor para que ela não se acostume a mim. Mudo o ângulo para não me acostumar a sua companhia, desenvolvo certa empatia com ela para não ficar ofendido. Propus-lhe trégua nessa luta, contrariando-a toda vez que ela tenta me tirar o compromisso com a vida. Ela me faz promessas tentadoras, me oferece um drama impuro, transgride, me permite sonhar, habita meu interior, prometendo festa. De tão importante, fica valendo como afeto ocasional. E, todavia, nada pesa mais que a dor.

A HARMONIA

A harmonia dos sentimentos precisa ser aceita em certos momentos como esse, em que tenho de curar as feridas. Ela me encerra na utopia, me resguarda dos enfrentamentos. Eu estou por aqui com sobras de afetos, disposição e interesse. Sempre voltado a empenhar-me, a cuidar-me dentro do que posso acolher até fatigar a paciência alheia, cansada de tantos descuidos. Esta harmonia chega sem pedir licença, se instala e vai ficando até ser paz.



MINHAS RECORDAÇÕES

Nas minhas recordações, mediadas por uma ordem superior, o tempo não foge em retirada, fica um pouco mais para brincar de eterno, convida-me a reinventar o prazer das promessas cumpridas, atendendo a uma convocação que mistura alguns impossíveis. Minhas recordações se transformam na minha intimidade. Intactas, são capazes de expulsar a desistência, produzir esperança aguda e fazer-me uma calorosa companhia.

CENA INTACTA

Deixei a casa paterna estendendo-me para além do corredor onde minha gente comia junto, povoada de afeto. Deleguei os laços aos cartões postais e a algumas visitas ocasionais. Da minha janela via o mundo, antes e depois do bar da esquina, ditando o silêncio e a bagunça. Não havia motivos maiores para sair, assim mesmo saí, as fronteiras que me cercavam ficaram pequenas enquanto pensava encontrar tudo em Buenos Aires. Deleguei a cada coisa ali deixada o direito de me representar quando minha ausência fosse notada.



ESPERA

Padeço dos males que todos os que amam padecem. Convoquei a amada ininterruptamente, prestigiei seu nome, proclamei acolher dobrado, dei sinais com gestos, olhares, silêncios, infindáveis esperas, risos frouxos, vocação duplicada, palpitações, sinais regulares de lirismo e segredos compartilhados. Celebrei quando me oferecestes o que todos queriam.

COMO SETA

Chegaste como uma seta no alvo, aconteceste, oportunizaste-me encontrar-te, vieste a tempo de assistir-me primaveril. Menti que inventei um poema de Vinicius, que fui autor de um livro que ensina a cuidar e que me livreis de todas as amarras para te presentear o mundo, que te farei todos os gostos, que meus ciúmes serão suportáveis, que controlarei as distâncias, que curarei cicatrizes e que, se tiver que partir, deixarei algumas mágoas e muitas saudades.



TEMPO

Entre os olhos que distinguem, existem mágicas descobertas sobre as coisas vistas. As fantasias se acrescentam quanto mais me chegam os anos. Diminui-me o medo de viver entre harmonias espalhadas. Nas coisas mais elementares como um movimento, uma cor, um vento, um pôr-do-sol, faço descobertas

das numerosas formas que despertam o encanto da apreciação. Sem a pressa dos últimos anos, me subordino à exigência de ter tempo para deixar acontecer. Quando acontece, saboreio o acaso. A vida escolhe através do espírito amadurecido pela experiência. Torno diverso o mesmo sentir de sempre, dou-lhe a forma com outro contorno, embora nele veja o de sempre, esse meu jeito mediterrâneo de sentir exagerado.



À BEIRA DO PASSADO

Salvo um quê de suavidade, todo o resto é violência. Não sei onde descansar esta minha aflição de não ver a vitória do gozo. A dor emudeceu meu suspiro, transformado em silenciosa tristeza, idêntica a outras derivadas da morte e da decepção. Esgotado, abandono as saudades, esqueço que as tive, que as criei, que as vivi. Desfeita a memória, sempre me perco na calmaria, nela exalo a morte, a inutilidade, revelo-me incapaz de enviar flores.

NADA A DECLARAR

Nada a declarar quando me estiro a dormir sem sonhos. Fico com o riso magoado dos humilhados, e, embora me disfarce sou conduzido ao campo solitário de um ninho que já não me abriga. Fica entendido que não consigo esquecer as ofensas inoportunas, que me apanham desprevenido, apunhalando-me durante o abraço. Uma dívida antiga sustenta uma das minhas culpas. Entre explicações, uma ou outra se avizinha, sem que nenhuma me faça crer na isenção. Elas brincam comigo, mostram-me o já vivido, quantas coisas perdidas. O resto está escondido pelo esquecimento, recolhido em algum lugar à beira do passado pedindo-me que o deixe em paz no seu lugar.

DENTRO DO PEITO

Gastei minhas procuras, com um sentir honesto, vi vidas que a morte fria levou. Sem apontar o futuro, o rosto feiticeiro da virgem esquivou-se de mim. Reina em mim uma certa desordem, misturo tempos, fotos, vivências, resisto, mas creio que a esperança mentiu. Ou então, à noite ela muda seu rumo, envereda pelos meus sonhos e me acalma para dormir onde durmo, no tempo passado. Acordo no presente. Dentro do peito sinto um rumo desviado, meus caminhos contêm vias que não são minhas. A noite passada perdi o sono e recorri a um caminho enorme até me reencontrar. Acho que não foi um sonho, foi um esforço para melhorar uma gastrite que me denuncia alguma hipocrisia não intencional, mas por mim cometida.

CONFESSO

De tanto viver, meus silêncios se alongam. Para animar minha inspiração, sonhei que adormecia em um colo deitando a fronte em seios que me ensinaram o encanto ali impregnado. Feito um punhado de glórias ficou minha alma sedenta, obsessiva, clamando por infindáveis repetições. Não consigo reinventar o suave estar que me fez viver os mistérios da vida, que, tão tarde aprendidos, povoam-me. Era tudo o que eu podia enquanto a saudade reinava. Diante dos meus devaneios, aquela amada me fez dormir, me emprestou sua paz, me guardou o descanso. Despertei sem medo.



DAS ANGÚSTIAS

É melhor que eu mesmo lhes conte das angústias que passo neste momento patético, impressionado por sobressaltos, pelos desumanizados abandonos. A pressa me revela superficialidades, o consumismo

ganha novos objetos, o sofrimento alcança infâncias desassistidas, as lágrimas tardias anunciam descuidos, as consciências eclipsadas produzem vítimas, os amores acabam moídos por desenganos, as euforias produzem falsas alegrias, a imprudência não resiste às desgraças.



ALIMENTO

Alimento meu delírio: deita sobre mim uma sombra que ilumine belos dias, ofereça um caminho para minha mente errante fazer-se inventora de poesias e outras doidas declarações. Sou inundado pelo desejo dessas imagens que despem minha amada à noite e trazem-na até mim. Encontram-me querendo-a. Então, mais atrevido, incluo-a em todos os meus sonhos, ocupando todo o repertório de invenções. Torno-me íntimo como suas entranhas, habito-a de tal forma, que, como seu sangue, alimento-a, em silêncio, percorrendo-a por inteira.

A DOR NUNCA VENCIDA

Na minha dor, desafogo uma sombra que me fere. A vida pálida, vaga nas lágrimas, nos soluços. Grande o drama que permanece fustigando minha frágil paz. Quantas vezes chorei, nem eu sei quantas! Por fim, me propus um armistício, como antigamente troquei o susto pela esperança. Na contramão da dor que se avoluma, ainda me surpreendo com o que vejo neste mundo. E geme dentro de mim um remorso por haver deixado de sonhar e por não lembrar mais da alegria que me acompanhava.



TRÉGUA

Preciso de uma trégua rápida que me conceda uma urgente alegria. Eu quero fazer as pazes com a vida, ser correspondido, encontrar um silêncio quieto, uma dieta que diminua as condenações, um reconhecimento que confirme o mérito. Quero viver uma vida mais sensata, sem precisar fugir tanto nem vagar buscando um consolo e um regaço que me agasalhe. Espero sair,

assim, da comitiva dos desencantados, esquecer as injúrias e as ofensas, dar fácil o perdão, evitar a ira. Depois de tudo, se ainda não me fizer entender, alguns silêncios bastarão para amenizar as penas da imensa dor que torna a ir e torna a vir, a dor nunca vencida.



INCENTIVO

Atrevo a seguir, oscilando entre o que fui e o que sou. Faço uso alternativo da inocência que desarma. Utilizo tratos funcionais, orientados para não alimentar ódios, tento ser melhor pessoa, nem sempre alcanço. Derramo meus sentimentos fora de hora, com quem não sabe o quanto os prezo, espero reconhecimento dos mais íntimos sem que eles se interessem pela minha carência. Decepcionado, procuro o amor onde ele não está. Convivo com uma resistência sistemática, entre pessoas que cuidam de si. Priorizam suas conveniências, administram suas adversidades, concentram-se em seus compromissos, adornam-se ao espelho, esvaziando-me na indiferença. Meu modo de estar lhes incomoda.

O TRÁGICO

Em um mundo que valoriza o trágico, tento recuperar o valor do encontro. Poucos se regozijam com êxitos, aventuras felizes. Transito entre sozinhos, anônimos em busca de suporte, buscando alguém que esclareça a dúvida e acalme o medo. Prima a compra e a venda por um inocente lugar onde a vontade sincera valha uma parceria e as relações deixem de ser adaptativas, negando a existência do amor como meio e fim, sério e profundo, capaz de sustentar-se e dar sustento.



OUTROS SENTIMENTOS

Nomeio aqueles gestos mais simples que me dão sentido às lágrimas inesperadas. Por haver encontrado esse destino, me empenho para chegar a cada novo desembarque, a cada nova etapa da minha vida, aceitando retomar as negociações com o tempo perdido e as convicções esquecidas.

UM LUGAR

Ocupando um lugar diferente do eleito, faço-me conhecedor da vida apresentada em ações verticais, em surpresas desagradáveis, em dores insuportáveis, em convivências toleradas. Autorizo minha percepção a propor o sequestro das boas intenções na medida em que voou, desejando, e aterrizo forçado.



FALTA DE VALORES

Essa falta de valores que me cerca transforma-me em um carente de cuidados. No entanto, estou longe de aceitar a arrogância assistencial que me cerca.

SÁBIA PRUDÊNCIA

A sábia prudência me reserva um triunfo: o de haver economizado sofrimentos inúteis. Predisposto a introduzir novas perspectivas, uso todo o montante de paciência para despertar o testemunho de todos os que me veem construído, alimentado, obstinado, buscando amores que valham a pena, dedicações que valham a pena, onde eu possa depositar a esperança sem ter risco de perdê-la.



ENQUANTO

Prolongo a vida enquanto posso. Enquanto possa viver no tempo justo, espero ver a minha gente caminhar com o mérito devido e reconhecido, os valores sendo o personagem principal, intactos, vivos e autorizados a permanecer imunes à fome e outras desgraças sem que eu tenha que ficar conforme.

Vivo em uma possível e tolerável harmonia. Quando posso, me livro dos apuros.

POR QUE TANTO TEMOR?

Como esta dor não cicatriza, expõe toda a fragilidade que me desatina, ela entra silenciosa, quieta como a noite. Chega se faz presente, reveste o corpo com feridas permanentes. Não avisa quando chega. Tento evitar o sofrimento antecipado. Esta dor me trata iluminando e desafiando a intromissão da novidade que insiste em apresentar-se atemporal, dando sinais da finitude. Esta dor, ora óssea, ora muscular, gengival, intestinal, abdominalmente vesical, lacrimal, apresenta-se aos gritos ou como a mudez que depura as palavras. Nega-se a aceitar-me vitalício, portanto, fica decretado a partir de agora que a previsibilidade será defendida permanentemente pelo tempo de cada existência pondo avisos efêmeros por onde passe.

NÃO BASTARÁ

Provocativamente a dor atira na cara que somos, invés de titulares, reservas temporais. Os fermentos que fazem crescer a soberba também põem travas nos excessos, nos orgulhos desmedidos, avisando-nos da cova comum. Não bastará para qualquer horta que se ofereça módico canteiro para ali germinar.



ENTRE A VIDA E A MORTE

Entre a vida e a morte há um tempo que dilata as relações entre mestres e aprendizes, passando todos a serem ambos. Alternando-se poderes e saberes, acaba-se essa pretensão de governantes fixos e eternos. Provocativamente a dor atira na cara que somos pessoas antes de titulares, reservas e temporais. Os fermentos que fazem crescer a soberba também põem travas nos excessos, nos orgulhos desmedidos, avisando-nos da cova comum. Não bastará para qualquer horta que se ofereça módico canteiro para ali germinar.

SABER AMAR

É preciso saber amar, evitar o fastio, plantar a sinceridade, fazer durar as promessas que abriguem o desejo carente de ser acolhido. Tornar suave o próximo instante, iluminar os beijos sem deixar de olhar e ouvir os suspiros. O melhor é ganhar as graças nesse transe, transformando os desejos em realidades, deixar entrar pela pele o mel da vida, nela deslizar os prazeres, alegrias inesperadas, novidades fantásticas. Despojar-se da ânsia de milagres, agradecendo a mera graça alcançada, intenção maior, encanto efêmero.

Inclinado a triunfar na solidão, descanso um cansaço não vivido. O amor esconde agonias, oculta fracassos, dá cabo dos milagres.

BRANCOS E PRETOS

Vi que o verde é a cor da vontade; a dor que se opõe à esperança é alaranjado. Ao descobrir a cor do silêncio, resolvi guardá-la só para mim. Aprendi que o perigo é branco. Quem sabe de cor mais pura que o preto? que se encarrega de vestir tudo que é nobre, mesmo o carvão. Debaixo de luminosas cores, tudo é sombra, esperando a visita sagrada que lhes deem uma definição, que descubram uma consciência, uma direção. enviando-as como amor que deixa rastros.



A INÉRCIA DAS FLORES

Que me importa a inércia das flores fora da primavera, se quietas cumprem seus ciclos.? Enlutadas, descoloridas, desfloradas, cobrem-se de verdes o mais que podem, esperando retornar. Arraigadas ao piso que as abriga, farão a festa das acácias, das margaridas, das violetas, das begônias e orquídeas.

ESPÍRITO SOFRIDO

Um espírito sofrido criou a enredadeira, nela armou enredos, tramas, brancos e pretos onde uma estrela solitária ilumina o pavilhão.



MEU DESPERTAR

Eu fiquei com o esquecimento que me acompanhou no café-da-manhã.

Visto-me com o automatismo de quem deixou a alma em algum lugar para logo em seguida sair a sua procura, sabendo que não será fácil achá-la. Ir no encalço de uma rotina, perseguir um caminho com esperança de encontrar funda, ampara e cria a mesmice. Contrai o hábito de ver meus vizinhos, meus objetos, habituei-me a viver uma vida cada vez menos nova. Acudo logo a uma inquietude que me provoca a fazer sermões, mutirões, chamamentos, felicitações aos que amam, homenagens aos que sobrevivem. Declaro-me culpado de não confessar todos os meus sonhos, vomito o sapo de ontem e baixo o olhar ao cruzar com quem não quero

ver. Tento aderir às notícias do dia, mas me incomoda a manipulação. Finjo não me importar com as guerras, com os infanticídios, com a corrupção endêmica que me invade. Me inclino a confessar que as paredes das minhas artérias ficam mais duras quanto maiores as minhas não manifestadas indignações.

Dobro a esquina, me apoio no corrimão que insiste em acompanhar um declive e adoto a postura de quem caminha sem nada pensar.



CALANDO A VOZ DA CONSCIÊNCIA PESADA

Um anúncio súbito passando por cima das minhas carências fez-me perceber estar suprido me foi anunciada uma declaração de amor sincero.

Regido pelo encanto de quem descobre novos direitos, coloco-me à altura dos convencidos que meditam prudentes, fazendo-se especiais para alguém.

A vida me fez pensar sobre a intensidade dos meus sentires, me fez saber que para conquistar uma mulher, se precisa pensar como ela.

UM BEM

Sendo aquele que não pensa em se emendar, cato virtudes e com elas enfeito meu existir, trazendo constrangimentos e surpresas para o aborrecido que eu estava sendo. Entre silêncios, o sossego se perde nessa gritaria que se apossa da minha intimidade, fazendo alvoroço em toda a extensão dos meus dias. Ser privado da paz é uma das provocações que meu outro eu mais adora. Perco-me toda vez que trabalho em vão contra meu desejo. Minhas desculpas já não são mais aceitas por mim. Aos que comigo se preocupam, e nem sei se eles existem, direi estar fora de perigo. A minha causa é controlável, apenas um apetite passageiro, dura o breve tempo de uma paixão. Já logo, esse surto acabará junto com a minha existência. Peço licença para contrariar opiniões e romper expectativas sem dar ou conceder um minuto que autorize o supérfluo a invadir meu tempo depois que o descobri um bem não reciclável.



Roberto Curi Hallal

